

MARIA DE FÁTIMA SANTOS DA PAZ GOMES
MARIA IZABEL DUARTE FERNANDES

A LEITURA E A LITERATURA NO ENSINO MÉDIO

INSTITUTO SUPERIOR LAURADAIANE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DE COSTA RICA

Costa Rica – MS

2007

MARIA DE FÁTIMA SANTOS DA PAZ GOMES
MARIA IZABEL DUARTE FERNANDES

A LEITURA E A LITERATURA NO ENSINO MÉDIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ensino Superior da Faculdade de Educação de Costa Rica como parte dos requisitos para a obtenção do título de Letras.

Orientadora: Profª Márcia Aparecida da Silva Pereira

INSTITUTO SUPERIOR LAURADAIANE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DE COSTA RICA

Costa Rica – MS

2007

Ficha Catalográfica

Duarte.
G581 GOMES, Maria de Fátima Santos da Paz & FERNANDES, Maria Izabel
A leitura e a literatura no ensino médio / Maria de Fátima Santos da Paz
Gomes; Maria Izabel Duarte Fernandes. – Costa Rica-MS.
59 f.; 30 cm.

Orientadora: Márcia Aparecida da Silva Pereira
Monografia (graduação) – Faculdade de Educação de Costa Rica. Curso de
Letras.

1. Leitura 2. Literatura 3. Parceria. Pereira, I. Márcia Aparecida da Silva. II.
Título.

CDD 418.4

Fechado, um livro é literal e geometricamente um volume, uma coisa entre outras. Quando o livro é aberto e se encontra com seu leitor, então ocorre o fato estético. Deve-se acrescentar que um mesmo livro muda em relação a um mesmo leitor, já que mudamos tanto.

(J. L. BORGES)

MARIA DE FÁTIMA SANTOS DA PAZ GOMES
MARIA IZABEL DUARTE FERNANDES

A LEITURA E A LITERATURA NO ENSINO MÉDIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ensino Superior da Faculdade de Educação de Costa Rica como parte dos requisitos para a obtenção do título de Letras.

Orientadora: Profª Márcia Aparecida da Silva Pereira

Aprovada em ___/___/___

Profª. Márcia Aparecida da Silva Pereira
(Orientadora)

Profª. Ivonete Corrêa Gomes Carvalho

Profª. Maria Ivone da Silva

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho a todos os alunos do ensino médio desejando que se apaixonem pela leitura.

AGRADECIMENTOS

Eu, Maria de Fátima agradeço,

A Deus que me sustentou com sua graça e amor durante esse tempo tão importante da minha vida;

Ao meu querido e amado esposo Osmar pelo apoio, compreensão e estímulo constantes;

Aos meus filhos Milene e Osmar Júnior, inspirações da minha vida, pela paciência nesses três anos que estive ausente nos períodos de aula;

À minha mãe Olindina, inspiração na luta pela vida;

À Professora Márcia, orientadora e amiga, pela paciência e dedicação na arte de ensinar;

À Professora Nelize, colaboradora nessa jornada.

À querida Edvaine e família, verdadeiros companheiros na navegação por esta vida;

Aos colegas da 1ª turma de Letras que somaram na minha formação acadêmica.

À minha amiga e companheira Izabel, por ser suporte nos tempos de luta

AGRADECIMENTOS

Eu, Maria Izabel agradeço,

A Jesus Cristo, por ter me presenteado com o dom da vida e ter me fortalecido por esta longa caminhada;

À minha mãe, exemplo de vida, dedicação e amor e ter assumido duplo papel em nosso lar;

Ao meu querido esposo Roberto, por ter-me proporcionado a oportunidade de estudar.

Aos meus filhos Renan e Vinícius, bênçãos de Deus em minha vida;

Às minhas irmãs que sempre oraram e torceram por mim;

Ao pastor Osmar, exemplo de amor, dedicação e paciência com sua igreja;

À nossa orientadora Márcia por sua paciência, amor e dedicação;

À irmã Edvaine, pelo seu carinho, amor e orações;

À minha amiga e fiel companheira Fátima, que muito me ajudou;

A todos os irmãos e irmãs da Igreja Presbiteriana Independente por me amarem e apoiarem com paciência enquanto estive ausente dos trabalhos diaconais.

RESUMO

A leitura é um mundo de aventuras e de enriquecimento infinito. Por essa razão nos propusemos investigar o tema da importância da leitura e a Literatura para o ensino médio das escolas brasileiras. A pesquisa do assunto visou investigar a história da Literatura e suas aplicações no ensino, onde levantamos a realidade da leitura e da Literatura no ensino médio e apresentamos sugestões para a tomada do gosto de ler. Além disso, discutimos como a Literatura pode ser utilizada para a formação do leitor competente, conclamando a importância de se mostrar aos alunos os objetivos da leitura e viabilizando coerentemente a seleção de textos para o desenvolvimento do prazer de ler. Nesse ato, o papel do professor é de fundamental importância, tendo em vista que ele está posto como o mediador e o facilitador do conhecimento. Este também deverá trabalhar estrategicamente as modalidades de leitura para que haja um desenvolvimento no gosto de ler e na formação do aluno. Além disso, apresentamos a importância da biblioteca nessa construção. É preciso que haja uma interatividade entre professor, aluno e biblioteca através da realização de eventos criativos para que seja despertado nos alunos o prazer pela leitura e conseqüentemente o interesse pelo crescimento intelectual.

Palavras-Chave: leitura, Literatura, parceria.

ABSTRACT

The reading is a world of adventures and infinite enrichment. Therefore in we considered them to investigate the subject of the importance of the reading and Literature for the average education of the Brazilian schools. The research of the subject aimed at to investigate the history of Literature and its applications in education, where we raise the reality of the reading and Literature in average education and present suggestions for the taking of the taste to read. Moreover, we argue as Literature can be used for the formation of the competent reader, we point the importance of if coherently showing to the pupils the objectives of the reading and making possible the election of texts for the development of the pleasure to read. In this act, the paper of the professor is of basic importance, in view of that it is rank as the mediator and the facilitator of the knowledge. This also will have strategically to work the modalities of reading so that it has a development in the taste to read and in the formation of the pupil. Moreover, we present the importance of the library in this construction. She is necessary that it has a interatividade between professor, pupil and library through the accomplishment of creative events so that is awaked in the pupils the pleasure for the reading and consequently the interest for the intellectual growth.

Word-Key: reading, Literature, partnership.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I	15
1 A HISTÓRIA DA LITERATURA E SUAS APLICAÇÕES NO ENSINO	15
1.1 A HISTÓRIA DA LITERATURA E SUA IMPORTÂNCIA NO ENSINO MÉDIO.....	15
1.2 COMO VAI A LEITURA E A LITERATURA NO ENSINO MÉDIO?	16
1.3 LEITURA E LITERATURA: UMA FORMAÇÃO DO GOSTO	19
CAPÍTULO II	23
2 O ENSINO DA LITERATURA E O LEITOR COMPETENTE NO ENSINO MÉDIO ..	23
2.1 OS OBJETIVOS DE LEITURA EM SITUAÇÕES DE ENSINO	23
2.2 A SELEÇÃO DE TEXTOS PARA O PROCESSO DE LEITURA DA LITERATURA NO ENSINO MÉDIO	24
2.3 CARACTERÍSTICAS DE UM LEITOR COMPETENTE	26
2.4 CONSTRUINDO LEITORES COMPETENTES.....	27
CAPÍTULO III	30
3 O PAPEL DO PROFESSOR COMO FACILITADOR	30
3.1 O PROFESSOR: QUAL É O SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DO LEITOR?	30
3.2 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR: UM PROCESSO CONTÍNUO PARA A ARTE DE MEDIAR	32
3.3 A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO: UM CAMINHO A TRILHAR	34
CAPÍTULO IV	38
4 ESTRATÉGIAS E MODALIDADES DE LEITURA	38
4.1 ESTRATÉGIAS DE LEITURA PARA O DESENVOLVIMENTO LITERÁRIO	38
4.2 MODALIDADES DE LEITURA	42
4.2.1 Leitura de Pesquisa	43
4.2.2 Leitura Pelo Professor	43
4.2.3 Leitura Colaborativa	44
4.2.4 Leitura de Informação	45
4.2.5 Leitura de Consulta	45
4.2.6 Leitura da Linguagem Poética	45
4.2.7 Leitura Compartilhada (Professor e Aluno)	46
4.2.8 Leitura Individual	46
4.2.9 Leitura Coletiva	46
4.2.10 Leitura Dirigida	47
4.2.11 Leitura Oral	47
4.2.12 Leitura Vocalizada	47
4.2.13 Leitura Compreensiva e Ativa	48
4.2.14 Leitura Recreativa	49
CAPÍTULO V	51
5 BIBLIOTECA: UM SUPORTE PARA O DESENVOLVIMENTO DA LITERATURA . 51	
5.1 FUNÇÕES E OBJETIVOS DAS BIBLIOTECAS	52
5.2 SUGESTÕES DE ATIVIDADES DA BIBLIOTECA NA ESCOLA.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 57

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa pretendeu investigar o processo ensino-aprendizagem da leitura e suas aplicações no Ensino Médio. Para compreender este processo é preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura.

A primeira delas é a de que ler é simplesmente decodificar, isto é, converter letras em sons, sendo a compreensão uma consequência natural dessa ação. Neste sentido, por causa desta concepção equivocada, a escola vem produzindo grande quantidade de leitores capazes de ler, decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler.

Nesta perspectiva, não devemos ensinar a ler por meio de práticas centradas na decodificação. Ao contrário, precisamos oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a ler para que possam antecipar e a fazer inferências a partir do conhecimento prévio que possuem e ainda, fazer deste processo um ato contínuo e agradável. Percebemos hoje que os alunos estão chegando ao ensino médio sem possuir o hábito da leitura constante.

Deste modo, nossa reflexão tem inicialmente a preocupação de tentar motivar e despertar os alunos do ensino médio para esse gosto pela leitura de maneira prazerosa e edificante.

Para tanto, no primeiro capítulo buscamos na história da Literatura clarear o conceito de obra literária tecendo algumas linhas sobre sua aplicabilidade no ensino médio das escolas brasileiras e, ao mesmo tempo, questionando a qualidade da prática da leitura para a construção do gosto de ler por parte dos alunos.

No capítulo II, apresentaremos o ensino da leitura e Literatura e o leitor competente onde tentaremos visualizar os objetivos de leitura em situações de ensino, discutir sobre a seleção de textos para o processo de leitura da Literatura no ensino médio e investigar as características e a formação de um leitor competente.

Já no capítulo III, pretendemos salientar o papel do professor como facilitador na arte de mediar e na preparação do leitor crítico.

No capítulo IV, levantaremos algumas estratégias e modalidades de leitura para o desenvolvimento literário.

Por fim, tentaremos mostrar a função da biblioteca e seus objetivos como centro ativo de aprendizagem e não um lugar distante da sala de aula.

CAPÍTULO I

1 A HISTÓRIA DA LITERATURA E SUAS APLICAÇÕES NO ENSINO

1.1 A HISTÓRIA DA LITERATURA E SUA IMPORTÂNCIA NO ENSINO MÉDIO

Quando nos referimos à Literatura, muitas vezes não temos consciência do papel primordial que ela ocupa na história da humanidade, e é sobre esse aspecto tão importante que pretendemos abordar. Sabemos que ela passou por diversas fases, e que já não permanece com seus objetivos primórdios, mas vem se desenvolvendo com o decorrer do tempo.

Mas afinal, o que é Literatura? Segundo o dicionário AURÉLIO (Ferreira, 1975), Literatura: [Do latim Litteratura], vem da forma latina littera, que significa letra (sinal gráfico). Nasce então, a relação entre Literatura e língua escrita, erudição e conhecimentos acumulados e registrados pelo homem. Esse conceito vem modificando-se com o tempo e com os diferentes momentos da história.

Do início do século XIX até meados do século XX, segundo AMARAL (2005,p.7), “a Literatura alcançou o auge de prestígio como matéria de ensino, devido a concepção de uma cultura que valorizava a tradição escrita”. Isso nos leva a concluir que algo de muito valor foi fator preponderante para originar programas e livros escolares. Cada texto literário selecionado tem a sua parcela de contribuição para a História da Literatura trazida para os dias de hoje, levando-se em consideração que a cada dia surgem novidades que precisam ser preservadas para as gerações futuras. Certamente, muitas obras literárias de valor foram escritas, mas seus respectivos autores não tiveram a oportunidade de publicá-las.

Nesta perspectiva, PERRONE (2000, p. 346) afirma que:

O ensino, enquanto instituição tem por objetivo manter os fundamentos da sociedade, e não questioná-la profundamente. Dessa forma, a Literatura coloca em xeque seus próprios fundamentos como prática social.

Assim, no início do século, surgiram as vanguardas e promoveram a separação entre prática da Literatura e seu ensino. Isto é, o ensino da Literatura fica

ameaçado pela prática dos escritores modernos. Portanto, muda-se o conceito de Literatura, pois a leitura de texto literário não consegue competir com os meios tecnológicos de comunicação. A obra literária perde a sua essência e acaba sendo comparada a quaisquer outros textos e reduzida a uma espécie de recurso dos planejamentos didáticos que leva os alunos à descoberta do prazer de ler. A leitura da Literatura tem o seu papel importante que é o fato de despertar o aluno para o gosto pela leitura, mas muito mais do que isto, tem a função primordial de despertá-lo para a vida, através de conhecimentos que só a leitura pode proporcionar.

1.2 COMO VAI A LEITURA E A LITERATURA NO ENSINO MÉDIO?

De acordo com ARRIGUCCI JR. (1992, p.19), “o tema, a leitura e sua aplicação na Literatura, é algo tão simples e tão complexo, a uma só vez, que é possível falar dele como coisa corriqueira e levar longuíssimo tempo tentando entendê-lo, por múltiplos lados”. Estaremos, na medida do possível discorrendo alguns fatos importantes que poderão ser muito útil para se trabalhar a Literatura dentro do seu contexto.

Entretanto, como estímulo para um diálogo, trataremos de algumas reflexões sobre a leitura e suas aplicações na Literatura, precisamente, sobre a experiência da leitura, tomando por guia alguns grandes leitores. Pois, todos aqueles que se dedicam ao estudo da Literatura seja, estudantes, professores, futuros professores e, eventualmente críticos literários partilham essa experiência comum da leitura, que de tão banal já não parece provocar mudanças em suas concepções. O primeiro passo, sempre é muito difícil, talvez seja esse de resgatar o poder de surpresa desse ato trivial que nos ocupa cotidianamente.

A primeira idéia que gostaríamos de comentar diz respeito aos autores que viram na leitura uma forma de felicidade. Evidentemente, num país pobre, precário e desgovernado como este em que vivemos, sabemos que essa felicidade é privilégio de poucos e que devemos estender essa felicidade o quanto possível. Entretanto, essa dificuldade não nos deve fazer esquecer esse fato fundamental: “a leitura pode ser uma forma de felicidade”. ARRIGUCCI JR. (1992, p.20). No entanto, essa felicidade pode ser

encontrada dentro dos livros, pois a Literatura abrange uma quantidade enorme de tipos de leituras e cada leitor pode encontrar o seu espaço.

Isso significa, que quanto mais lemos, mais conhecemos a nós mesmos e aos outros, a leitura proporciona ao leitor um encontro consigo mesmo e com o autor. ARRIGUCCI JR.(1992, p. 23), afirma que:

A leitura é capaz de nos dar algo que acende o desejo, mas não pode preenchê-lo. Ao acender o desejo, ela desperta a vida do espírito, mas não pode substituí-la. A leitura é algo que nos leva ao limiar da vida do espírito, mas não a constitui. Quem deve constituir a vida do espírito é o leitor; ou seja, o leitor deve, de algum modo, inventar, descobrir por si mesmo.

Diante desses pressupostos, perguntamos: Como o professor do Ensino Médio está trabalhando a leitura e a Literatura?

Embora a prática do ensino da Literatura seja assunto sobre o qual vários teóricos vêm há muito tempo discutindo, na perspectiva de ensinar estratégias que aprimorem o ensino da Literatura e de propor livros que despertem o interesse dos alunos pela leitura, esta não atingiu ainda um estado ideal. Já que até mesmo pessoas de nível superior lêem pouco ou quase nada. Analisando diferentes textos relacionados ao tema, observou-se que há diferentes modos de abordagem sobre a questão do ensino da Literatura, mas de modo geral deixam transparecer a necessidade de se criarem novas técnicas no ensino dessa disciplina. Pode-se dizer, então, que o poder de sedução da Literatura, que poderia contribuir para a formação do leitor ideal, esvazia-se pelas distorções escolares e acarreta numa influência negativa sobre os possíveis leitores.

No Brasil, ainda se vê em muitas instituições de ensino, a Literatura inserida na área de Língua Portuguesa, servindo apenas como texto de estudo da linguagem. Essa orientação é a que predomina na maioria dos livros didáticos e na conduta dos professores, que identificam ensino literário com análise gramatical, estudo do estilo do ponto de vista da estilística, análise sintática ou levantamento de vocabulário. Trabalhando assim, a escola transforma obras de grandes escritores, como Machado de Assis, em verdadeiros suplícios, martírio para os jovens.

A preocupação com os problemas relacionados ao ensino da leitura e Literatura no Brasil, deve ser constante na vida dos educadores. Pois a forma como a

Literatura é ensinada no Brasil, tem provocado uma apatia geral nos alunos, massacrados por uma teoria aplicada no vazio, já que a experiência do aluno com o texto literário é mínima. Essa deformação do estudo literário foi consagrada pela diretriz que regulou o ensino de Português no curso secundário, ao fundir o aprendizado da Língua Portuguesa com o da Literatura. É o programa vigente, desde 1943, para os cursos do Ensino Médio e Fundamental. Com isso, constatou-se que tal erro tem sido de duplas e funestas conseqüências, pois nem se dá atenção ao ensino da linguagem nem ao da Literatura, e o aluno não aprende uma e detesta a outra.

Dado que a matéria é fundida no ensino de linguagem, torna subsidiária do mesmo. Portanto, não há interesse especialmente literário no ensino da Literatura. Neste aspecto, COUTINHO, (1952, p.24) nos coloca que “o ensino da linguagem visa à capacidade de usar a língua como instrumento de comunicação, enquanto o da Literatura pretende acentuar o aspecto estilístico e moral da obra e desenvolver hábitos não profissionais de leitura”.

Muitos professores de Literatura têm retratado que o prejuízo é muito grande, pelo fato da Literatura estar inserida juntamente com a Língua Portuguesa. Isso causa um grande dano, pois o professor não consegue trabalhar adequadamente nem uma, nem outra, devido à extensão do programa, deixando a Literatura como secundária.

Portanto, se faz necessário uma mudança, separando as duas disciplinas, para tornar o conteúdo mais fácil para ser trabalhado, e assim, conseguir atingir o alvo tão esperado. COUTINHO (1975, p. 118), afirma que: “não basta apenas que se faça mudança nos currículos, mas nos métodos”, e ainda:

Entre nós o que é geral o método expositivo, são exposições panorâmicas, em ordem cronológica, o mais dos casos reduzidos a um catálogo de nomes de títulos e obras, acompanhadas às vezes de dados bibliográficos, resumos de enredos ou classificação dos autores por escolas. Não será mal dizer que nada disso é Literatura.

De acordo com GOMES (1976, p.141), “não se deve superestimar a abordagem através do estilo de época, que se transformou em camisa de força para se enquadrarem autores e obras. Talvez se esteja caindo num novo erro”. O jovem tem se distanciado cada vez mais da Literatura, devido os estilos que estão ligados a uma gramática normativa para substituir a gramática no ensino médio de Português e

Literatura.

Desse modo, julga-se necessário desenvolver no mundo jovem, um gênero de vida em que o livro esteja presente, sobretudo, que seja apreciado. Então há necessidade de, paralelamente aos parâmetros curriculares, questionar os métodos no ensino da Literatura. Novas formas de interação precisam ser aplicadas entre as pessoas envolvidas com a escola, os alunos, os manuais didáticos, o programa e como os problemas aqui mencionados poderiam levar a estabelecer novas relações entre teoria e prática, entre professores e alunos, propiciando a ambos, a conquista do papel de sujeitos reais das aulas, dos livros, e do saber.

1.3 LEITURA E LITERATURA: UMA FORMAÇÃO DO GOSTO

Fazer com que os alunos adquiram o hábito de leitura e gostem de Literatura não é algo tão simples como muitas pessoas pensam, mas é algo que se vem conquistando aos poucos na história do ensino. Começemos pelas obviedades citadas por MAGNANI (1989, p. 101):

Aprende-se a ler e a gostar de ler; aprende-se a ter satisfação com a leitura; aprende-se a acompanhar modismos de leitura; aprende-se a ter critérios e opiniões de leitura; aprende-se a julgar valores estéticos. A tudo isso se aprende lendo. Dentro e fora da escola.

Nesse caso a leitura não está descartada em hipótese alguma, pois ela é e deve ser aplicada em qualquer lugar, desde que haja interesse e material disponível. Em outras palavras, o gosto (como sabor ou prazer, ou moda ou opinião, ou faculdade de julgamento) pela leitura, em particular a da Literatura, não é um dado da natureza humana, imutável e acabado, e sua formação tem a ver com as necessidades, com o tempo e com o espaço em que se movimentam pessoas e grupos sociais. Desenvolvimento e aprendizagem encontram-se, assim, relacionados entre si e com o processo de constituição dos sujeitos históricos, através do trabalho lingüístico.

Trata-se então, de concepções de história e linguagem que dimensiona o papel e função da aprendizagem escolar (não espontânea) como lugar a ser privilegiado no trabalho de construção e formação do gosto pela leitura, aspecto fundamental do desenvolvimento do sujeito, com base numa pedagogia do desafio do desejo. Onde o indivíduo busca por si próprio, envolver-se com a leitura.

Atualmente, o que se percebe é que as tendências em voga na escola, principalmente na última década, vêm enfatizando a necessidade de leitura por parte dos alunos. Além disso, muitos programas vêm sendo desenvolvidos para garantir um mínimo de material e atividades de leitura nas instituições. A suspeita, no entanto, é de que certas noções de gosto e prazer de ler, presentes no encaminhamento dessas propostas e, geradas no contexto de uma pedagogia da facilitação, obliterando funções importantes da leitura da Literatura para o desenvolvimento de crianças e jovens. Por outro lado, em detrimento das vantagens que possam apresentar, tais práticas parecem muito mais estar servindo para a confirmação do gosto estabelecido, ou seja, para conformismo educacional e cultural, discrepante em relação aos objetivos explicitados de despertar o espírito crítico do aluno, transformar a sociedade através dessa concepção.

MAGNANI (1989, p.102) reforça ainda que um dos critérios mais frequentes para seleção e utilização de livros de Literatura, é o que amolda ao gosto dos alunos. Mas suas expectativas e preferências refletem a complexidade das relações que envolvem sua formação como leitor, mesmo fora do circuito escolar. Seu gosto traz marcas do aprendizado de leitura, a partir da exposição, desde muito cedo, aos produtos da indústria cultural e ao contexto social em que vive. Num movimento de mão dupla, suas expectativas, já trabalhadas fora da escola, são sondadas e realimentadas na escola, sob a máscara de uma suposta adequação ao gosto para que os alunos gostem de ler. E, sob a apreciação de divulgação e democratização da cultura e das oportunidades educacionais, justificam-se a oficialização e sistematização da trivialidade e do conformismo.

O grande problema que muitos professores encontram para trabalhar a Literatura é que muitos alunos não gostam de nenhum tipo de leitura, simplesmente ignoram todas, dificultando o trabalho do professor.

O que se depreende disso é que se expande o que poderíamos chamar na escola de um funcionamento conforme da leitura e da Literatura, o que, associado a outros problemas educacionais, tende a imobilizar o gosto e a formar não leitores, mas consumidores da trivialidade histórica, lingüística, literária, cultural e política.

O que se constata então, é que o problema da leitura da Literatura na escola, não se resume em questões de adequação à faixa etária ou ao gosto do aluno, de veiculação de conteúdos úteis, de condicionamento do hábito de ler através de técnicas milagrosas.

Neste âmbito, MAGNANI (1989, p.102) nos retrata que:

É preciso compreender que leitura e Literatura são fenômenos sociais relacionados às condições de emergência e utilização de determinados escritores, em determinada época. Leitura e Literatura são, nesse sentido, formas de conhecimento, tornando-se necessário pensá-las do ponto de vista de seu funcionamento sócio-histórico.

O texto dito literário, circulando nesse contexto de leitura, caracteriza-se por um determinado tipo de trabalho lingüístico e refere-se não só às condições de emergência e utilização, como também às instancias normativas e legislativas que conferem a literariedade a determinado escrito em determinada época. E a linguagem, compreendida como lugar de interação humana e social, constitui a si e ao sujeito, nesse trabalho de leitura da Literatura. Assim, linguagem pode ser pensada não como um conjunto de códigos e normas irrevogáveis e naturais, mas como um trabalho (ação para transformar) social sempre em curso.

Por tudo isso, podemos pensar que o gosto se forma e que a aprendizagem escolar pela Literatura desempenha importante função no seu desenvolvimento.

Nesta perspectiva, todo o avanço, porém, está conectado a uma mudança de motivação e necessidades. É necessário que a aprendizagem signifique um desafio de conhecer o que não se sabe, o novo. Se a escola, sob a alegação de valorizar o aluno, permanecer com preocupação centrada apenas no desenvolvimento real - que é sempre retrospectivo e indicativo dos resultados de certos ciclos de desenvolvimento já completados - não conseguirá apontar para um futuro, não estará nem levando em conta a dinamicidade do desenvolvimento potencial, nem se dirigindo a um novo estágio de desenvolvimento.

Por que, em que e como o texto literário pode contribuir para a formação do sujeito/leitor?

Talvez a resposta mais breve seja: porque, por corresponder a uma necessidade existencial de fantasia, consegue atuar em zonas profundas, propiciando a

superação de conflitos internos e mobilizando a imaginação para a superação de problemas de outras ordens, pois como afirma MAGNANI (1989, p. 104)

O texto literário propõe uma ação na esfera imaginativa, criando uma nova relação entre situações reais e situações de pensamento, ampliando, assim, o campo de significados e auxiliando na formação dos planos da vida real. Lida com necessidades de imaginação e fantasia, onde se criam e se seguem regras voluntárias para satisfação do desejo; é o meio de se atingir prazer máximo, fornecendo estruturas básicas para a mudança de necessidade e consciência que propiciem avanços nos níveis de desenvolvimento.

Diante desta citação, detectamos um outro problema que o professor encontra ao trabalhar a leitura e a Literatura – a falta de interesse em pensar, usar a imaginação, diante de um mundo globalizado cheio de tecnologia, onde o maior esforço que precisam fazer é apenas apertar um botão.

Entretanto, não podemos esquecer-nos de que um texto se caracteriza pelo conjunto de relações que o definem como unidade de sentido. O que o caracteriza como literário não é apenas o assunto ou seu conteúdo. E, se queremos oferecer condições de avanços com a Literatura, é necessário levar em conta que se lida com o todo de um texto: o que, como, quando, quem, onde, porque, para que, para quem se diz. É nessa unidade que o leitor se movimenta quando lê; é esse conjunto de relações que forma e não a moral da história ou as lições de comportamento, ou os conteúdos revolucionários.

Neste aspecto, se o gosto se aprende, pode ser ensinado. A aprendizagem comporta uma face não-espontânea e pressupõe intervenção intencional e construtiva do qual o professor tem um papel importante. E ainda, a formação e a transformação do gosto não se dão num passe de mágica. Essa proposta de formação do gosto, segundo MAGNANI (1989, p.106) não passam somente pela boa vontade e atualizações das técnicas do professor, nem tão pouco é controlável e nem se assenta em produtos. Portanto, é um movimento vivo de contradições que instigam caminhos mais adequados de superação, a partir dos princípios que iluminam o perfil de sociedade que queremos.

CAPÍTULO II

2 O ENSINO DA LITERATURA E O LEITOR COMPETENTE NO ENSINO MÉDIO

2.1 OS OBJETIVOS DE LEITURA EM SITUAÇÕES DE ENSINO

Em um trabalho com leitura é preciso levar-se em conta alguns pressupostos básicos para desenvolver esse ato de forma competente. Para isso, nenhuma tarefa deve ser iniciada sem que encontrem motivos para ela, ou seja, sem que esteja claro o sentido. O aluno tem de saber o que deve fazer, isto é, conhecer os objetivos que se pretende alcançar com sua atuação.

Conforme cita MORAES (2007, p. 2) os objetivos da leitura em situações de ensino são:

- *Ler para obter uma informação precisa: Localizar algum dado que nos interessa, por exemplo: consulta a um dicionário;*
- *Ler para seguir instruções: A leitura é um meio que deve nos permitir fazer algo concreto, por exemplo: regras para um jogo;*
- *Ler se para obter uma informação de caráter geral: Não precisamos saber detalhadamente de que trata o texto, mas somente ter uma idéia geral, por exemplo: ler somente manchetes, slides ou chamada em um jornal;*
- *Ler para aprender: Ampliar conhecimentos por meio da leitura, por exemplo: pesquisar ou estudar elaborando resumos;*
- *Ler para revisar um escrito próprio: É uma leitura crítica que verifica a adequação do texto, por exemplo, auto-revisão das redações escritas;*
- *Ler para comunicar um texto ao auditório: O leitor utiliza uma série de recursos, como entonação, pausas, ênfase em determinados aspectos, para que o público possa compreender a mensagem emitida, por exemplo: ler poesia em uma apresentação;*

- *Ler para praticar a leitura em voz alta: Pretende incentivar os alunos a lerem com clareza, rapidez e fluência, porém não tem sentido o único objetivo da leitura em voz alta ser apenas dizer em voz alta o que está escrito, é preciso compreender o que se lê. Para isso uma leitura anterior, individualizada e silenciosa, parece ser uma boa preparação do texto. Como exemplo, apresentaremos novamente a leitura de poemas;*
- *Ler para se verificar o que se compreendeu: Verificar a compreensão do texto, respondendo as perguntas do entendimento. O texto escrito pelo autor só se completa quando é lido por um leitor: AUTOR-TEXTO-LEITOR. Essa leitura envolve uma compreensão do que se lê.*

Diante desses diversos objetivos da leitura, o professor deve estar atento para a seleção de textos para não cair na rotina dos livros didáticos e aproximar o aluno cada vez mais de uma leitura prazerosa e motivadora.

2.2 A SELEÇÃO DE TEXTOS PARA O PROCESSO DE LEITURA DA LITERATURA NO ENSINO MÉDIO

O estatuto do leitor e da leitura, no âmbito dos estudos literários, leva-nos a dimensionar o papel do professor não só como leitor, mas como mediador, no contexto das práticas escolares e da seleção de textos a serem trabalhados no ensino médio.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (2002) na passagem do ensino fundamental para o ensino médio, um declínio da experiência de leitura de textos ficcionais, seja de livros de Literatura infanto-juvenil, seja de alguns autores representativos da Literatura Brasileira selecionados, aos poucos cede lugar à história da Literatura e seus estilos. Percebe-se que a Literatura assim focalizada – o que se verifica sobretudo em grande parte dos manuais didáticos do ensino médio – prescinde da experiência plena de leitura do texto literário pelo leitor. No lugar dessa experiência estética, ocorre a fragmentação de trechos de obras ou poemas isolados, considerados exemplares de determinados estilos, prática que se revela um dos mais graves problemas ainda hoje recorrentes. Neste sentido, ao concluir

o ensino fundamental, supõe-se que os alunos que ingressam no ensino médio já estejam preparados para a leitura de textos mais complexos da cultura literária, que poderão ser trabalhados lado a lado com outras modalidades com as quais estão mais familiarizados.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino Médio (2002). As práticas escolares de leitura de determinados textos levam a crer que as modalidades de textos mais familiarizados não constituem de fato um problema na esfera da recepção, visto que há uma grande expectativa entre os alunos quanto à sua leitura, corroborada pela ampla difusão na mídia e no contexto social circundante. O problema quanto à apropriação literária de tais produções culturais se localiza, na maioria das vezes, na aceitação irrestrita de tudo, sem que se discuta seu valor estético.

Neste sentido, é necessário apontar ainda que os impasses peculiares ao ensino médio ligam-se mais significativamente aos textos que se encontram mais afastados no tempo e/ou que possuem uma linguagem mais elaborada do ponto de vista formal, próprios da cultura letrada que se quer e se deve democratizar na escola.

Neste aspecto, OSAKABE (2004, p. 62), afirma que esses impasses se resumem em três tendências que se confirmam nas práticas escolares de leitura da Literatura como fuga do contato direto do leitor do ensino médio com o texto literário.

a) Substituição da Literatura difícil por uma Literatura considerada mais digerível;

b) Simplificação da aprendizagem literária a um conjunto de informações externas às obras e aos textos;

c) Substituição dos textos originais por simulacros, tais como paráfrases ou resumos.

Para que esse quadro se reverta, é preciso recuperar a dimensão formativa do leitor, iniciado no ensino fundamental, que no ensino médio, se perde em objetivos pragmáticos, formulados, sobretudo, nos manuais didáticos, uma prática constante que tradicionalmente vêm cumprindo o papel de referência curricular para esse nível de

escolaridade. Neste sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais sugerem que:

Os textos devem abranger uma diversidade de gêneros, pois um trabalho que prevê um contato com uma diversidade de textos, permite que o aluno conheça diferentes estruturas textuais, amplie seu vocabulário e enriqueça sua produção textual, obtendo melhor desempenho na sua competência comunicativa. MORAES, (2007, p. 6).

Assim, os textos, como unidades comunicativas, manifestam diferentes intenções do emissor. Procuram informar convencer, seduzir, entreter e etc. O fato de o aluno ter contato com diferentes gêneros textuais possibilita que ele seja capaz de escolher o texto que esteja mais adequado com as suas intenções de comunicação.

Afim de realizar um bom trabalho a partir dos textos é preciso estar atento a vários aspectos da aprendizagem. Garantir uma diversidade de textos e uma unidade textual, evitar textos fragmentados, adequar o conteúdo do texto à faixa etária e levar-se em conta a importância do gênero em função de determinados projetos de trabalho são alguns dos critérios que o professor pode utilizar ao selecioná-los.

É importante também que os textos sejam originais e integrais, evitando-se as adaptações. E ainda, ao propor uma seleção integral de obras distribuídas nos três anos do ensino médio, devemos considerar alguns fatores que estão na base dos critérios de escolha. O primeiro deles é o uso ou não de livro didático na escola, o que pode direcionar o projeto pedagógico que se discute. Se a escola adota um livro didático, os critérios devem considerar o modo de organização dos livros, o que não significa que se deva ficar limitado a ele. Torna-se necessário, caso se adote o livro ou não, o trabalho em equipe, pois a seleção deve ser feita em comum de acordo entre os professores de Literatura.

2.3 CARACTERÍSTICAS DE UM LEITOR COMPETENTE

De acordo com BORUCHOVIT (1999, P.2).

Para ser um aluno de bom rendimento escolar é preciso, entre outras coisas que tenha consciência dos próprios processos mentais e do seu próprio grau de compreensão. Um aluno com grau de desempenho escolar satisfatório, além de ser mais eficaz no uso da seleção de estratégias de aprendizagem, sempre é capaz de dizer que não entendeu algo, pois ele está constantemente monitorando a sua compreensão.

Quando os alunos encontram alguma dificuldade de leitura, eles se sentem desmotivados, cabe ao professor e o psicólogo da escola descobrir algumas estratégias

para resolver alguns problemas de leitura e compreensão.

Neste sentido, cabe ao professor que exerce um papel de grande importância no ensino de aprendizagem conhecer os métodos de estratégias, e saber aplicá-los aos alunos, melhorando assim sua capacidade de compreensão e memorização.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, (*apud*, PEREIRA, 2004 p. 40) um leitor competente é aquele que:

- *Formula perguntas enquanto lê e se mantém atento;*
- *Seleciona índices relevantes para a compreensão;*
- *Supre elementos ausentes, complementando informações;*
- *Antecipa fatos;*
- *Critica o conteúdo;*
- *Reformula hipóteses;*
- *Estabelece relações com outros aspectos do conhecimento;*
- *Transforma ou reconstrói o texto lido;*
- *Atribui intenções o texto lido*

Neste âmbito, para que ele alcance tais competências, faz-se necessário que instrumentos sejam desenvolvidos para esse fim, contendo qualidades psicométricas que devem possuir consistência e que sejam reconhecidos do ponto de vista científico.

É neste aspecto, que se deve analisar sobre o processo de formação do leitor e propor uma prática constante de leitura que pressupõe o trabalho com a diversidade de objetivos que caracterizam as práticas de leitura de fato.

2.4 CONSTRUINDO LEITORES COMPETENTES

A leitura não se limita simplesmente ao ajuntamento de letrinhas para transformá-las em palavras; seu objetivo, entretanto, é de formar leitores com competência para produção e interpretação de texto, reconhecendo e decifrando seu sentido. Seu papel é extremamente importante no cotidiano, remetendo-nos a um nível

de conhecimento abrangente, abrindo portas e possibilidades para uma vida social, profissional, com acesso a informação e qualificação, pois quanto mais dedicação o aluno tiver com a leitura, mais facilidade e compreensão de mundo ele terá. Neste aspecto, não importa o nível educacional em que os alunos se encontram, a leitura é e sempre será de extrema importância, pois através dessa mágica experiência de aprendizagem descobre-se um universo surpreendente.

Com relação às competências relacionadas às atividades de leitura podemos dizer que elas fazem parte de um amplo e complexo conjunto. Porém, é importante delimitar algumas das principais competências lingüísticas, intimamente ligadas à aprendizagem de leitura.

MORAES (2007, p. 3) cita alguns exemplos de situações que envolvem a construção dessas competências. Para cada competência principal, são elencadas outras, tidas como competências relacionadas:

Localizar indícios que ajudem na tarefa de compreensão de um texto:

- *Saber abordar um texto de imediato com uma procura do sentido e uma leitura silenciosa;*
- *Saber encontrar indícios para emitir hipóteses, indícios estes ligados à situação de vida, que não necessariamente as palavras (natureza e formato do suporte, valor da tipografia etc.);*
- *Saber distinguir se o texto é manuscrito, impresso ou mimeografado;*
- *Saber explorar a relação texto-imagem, a disposição de um texto na página, a presença e a ausência de números (encontrar uma data, um preço de um ingresso, uma hora), a pontuação;*
- *Saber utilizar instrumentos metodológicos para explorar um texto: sumário índice, ordem alfabética, organização em rubrica, hierarquia do tipo de letra etc.;*
- *Coletar esses indícios como informações que serão processadas para construir o sentido do texto;*

Saber verificar suas hipóteses durante um ato de leitura:

- *Pelo sentido;*
- *Pelo contexto;*
- *Pela totalidade do texto;*
- *Pelo reconhecimento numa palavra das letras que permitem fazer diferenciações;*
- *Por meio de uma ação real, tal como: um jogo cujas regras devem ser descobertas, utilizar um manual de operação, executar uma receita, brincar com mensagens escritas, recortar uma história em quadrinhos e reconstruí-la, classificar documentos, escrever um texto para os respectivos desenhos com referência ao tema principal da aula e, em última instância, recorrendo ao professor, aproveitando instrumentos de referência construídos pela aula (fichário, painéis, repertórios etc.).*

Para que a leitura se processe de modo eficaz, duas condições são essências: a qualidade dos conhecimentos temáticos disponíveis pelo leitor e a integridade das vias fonológicas e lexicais, para que as palavras sejam reconhecidas com rapidez.

Os conhecimentos temáticos se referem aos conhecimentos que o leitor possui a respeito do tema lido. Essa quantidade de conhecimentos vai influenciar a compreensão de informações explícitas e contidas no texto. Por isso, é importante fazer um levantamento sobre o que o aluno conhece sobre o tema e, caso não tenha muitos conhecimentos, aproximá-lo ao máximo do conteúdo ajudando-o a estabelecer relações com algum fato que conheça. Quanto mais o leitor conhecer, mais possibilidades de fazer inferências terá.

CAPÍTULO III

3 O PAPEL DO PROFESSOR COMO FACILITADOR

3.1 O PROFESSOR: QUAL É O SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DO LEITOR?

Estamos diante de uma era globalizada, avançada em todos os aspectos econômicos, sociais e principalmente tecnológicos que diariamente lançam no mercado produtos que chegam até nossos alunos, ocupando e substituindo por muitas vezes o lugar do livro. Neste sentido, a escola tem atribuído a responsabilidade ao professor de comunicar a leitura como prática social. Assim, despertar os alunos para a leitura tornou-se um dos objetivos dos professores desta nova era, que para exercer esta função, necessitam estabelecer uma relação com os alunos de leitor para leitor.

Perante o objetivo a ser desenvolvido, como o professor, na condição de facilitador, pode despertar o interesse nos alunos? Como fazer para que eles adquiram o gosto pela leitura de maneira prazerosa? Como trabalhar a Literatura no ensino médio?

Durante a convivência com os alunos, o professor passa a tomar consciência dos gêneros que eles mais gostam, das dificuldades e necessidades de cada um e busca meios que facilitem seu trabalho ao realizar a leitura, como por exemplo, os critérios citados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa (1997, p. 60):

- *De forma silenciosa e individual;*
- *Em voz alta, coletivamente;*
- *Pela escuta de alguém que lê.*

Diante destes critérios, o professor deve ter liberdade para trabalhar com seus alunos, não se sentir pressionado e limitando-se apenas ao livro didático, mas trabalhar com diversidade de textos, revistas, jornais e livros de boa qualidade, com conteúdo apropriado para o ensino médio, de acordo com o contexto social, fazendo

com que os alunos vejam a Literatura com um olhar diferente e não como algo chato, imposto, pois como afirma BORDINI (1989, p. 09)

A escola não permite a entrada no mundo dos livros de forma completa e sim cortando os pedaços, como no livro didático. Ensina-se Literatura para aprender gramática, para revisar a História, a Sociologia, a Psicologia e para redigir melhor. Tornando-se matéria para adornar outras ciências, o texto literário descaracteriza e afasta de si o leitor.

Neste sentido, além dos esforços para mudar as orientações teóricas e metodológicas da Literatura no livro didático, chama-se a atenção para a necessidade de formação literária dos professores de Português, sobretudo no âmbito da proximidade com a pesquisa e, conseqüentemente, do vínculo com a universidade, em percurso de mão dupla, já que essa não pode jamais esquecer seu compromisso com a educação básica. Além de mediador de leitura, portanto leitor especializado, também requer do professor um conhecimento mais especializado, no âmbito da teoria literária. Dessa forma, quando o professor tem conhecimento literário, torna-se mais fácil e compreensivo o trabalho com os textos, pois durante a leitura de um texto ou outro tipo de leitura quaisquer, o receptor precisa fruir com a obra de arte. Mas o que é fruição? Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2002, p.67)

Fruição é aproveitamento satisfatório e prazeroso de obras literárias, musicais ou artísticas, de modo geral bens culturais construídos pelas diferentes linguagens, depreendendo delas seu valor estético. Apreender a representação simbólica das experiências humanas que resulta da fruição dos bens culturais. Podem propiciar aos alunos momentos voluntários para que leiam coletivamente uma obra literária, assistam a um filme, leiam poemas de sua autoria – de preferência fora do ambiente da sala de aula: no pátio, na sala de vídeo, na biblioteca, no parque.

Desse modo, cabe ao professor usar a criatividade, oferecendo ao aluno possibilidades e oportunidades de falar sobre o que gosta de ler, expondo seu pensamento e opinião através de debates sobre temas importantes trazidos para a sala de aula, afinal a Literatura não se limita simplesmente ao hábito de leitura de livros literários, mas ela é muito mais abrangente e exige do professor uma dedicação exclusiva, com perspectivas e estratégias que venham despertar nos alunos vontade de descobrir um mundo cheio de novidades. Para que isso venha acontecer KRIEGL (2002, p. 1-12) afirma que:

(...) não consiste em que o professor diga: Fantástico! Vamos ler! Mas que eles mesmos o digam ou pensem. Isso se consegue planejando bem a tarefa de leitura e selecionado com critério os materiais que nela serão trabalhados. Tomando decisões sobre as ajudas prévias de que alguns alunos possam necessitar evitando situações de concorrência [...] e promovendo, sempre que

possível, aquelas situações que abordem contextos de uso real, incentivem o gosto pela leitura e façam o leitor avançar em seu próprio ritmo para ir elaborando sua própria interpretação - situações de leitura silenciosa [...]

Esse trabalho do professor é muito importante, pois cabe também a ele o papel de selecionar, filtrar as informações para passar para seus alunos, principalmente nesse momento em que o contexto de informações cresce constantemente.

3.2 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR: UM PROCESSO CONTÍNUO PARA A ARTE DE MEDIAR

Atualmente, o profissional docente enfrenta diversos tipos de desafios, mas o principal deles é estar sempre atualizado e desenvolver práticas pedagógicas eficientes. Nesta perspectiva, NÓVOA (2002, p.23) nos afirma que “O aprender contínuo é essencial e se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente”. Neste sentido, estamos sempre em processo de aprendizagem, de maneira coletiva e não individualmente, dependemos constantemente da experiência de outra pessoa para adquirirmos as nossas próprias. Assim, NÓVOA (1997, p.26) nos coloca também que “a troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando”.

Tendo em vista esses pressupostos citados por Nóvoa, acreditamos que a responsabilidade em tornar o aluno leitor é muito grande e que o professor deve estar sempre em busca de conhecimentos, investir em sua formação e buscar novas experiências para repassar para seus alunos. É com idéia de pensar sobre a prática pedagógica e buscar inovações que FREIRE (1996, p.43) afirma que é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.

Sabemos que em todas as profissões, inclusive a de docente, aparecem situações desafiadoras, conflitantes em que o profissional precisa tomar decisão, onde as normas convencionais não resolvem os problemas. Segundo NÓVOA (1997, p.27):

As situações conflitantes que os professores são obrigados a enfrentar (e resolver) apresentam características únicas, exigindo portanto características únicas: o profissional competente possui capacidades de auto-desenvolvimento reflexivo (...) A lógica da racionalidade técnica opõe-se

sempre ao desenvolvimento de uma práxis reflexiva.

Diante destas colocações, podemos concluir que, o que pode acontecer é que essas situações de conflitos podem estar comprometendo os professores, obrigando-os a tomar atitudes para as quais não são preparados.

Ana Maria Machado, em entrevista concedida à REVISTA EDUCAÇÃO (abril de 2002), é enfática ao criticar a condição não leitora dos professores. Diz ela:

Gente que não gosta de ler não pode ensinar a ler. É igual a um instrutor de natação que não gosta de nadar, e por isso tenta ensinar os alunos do lado de fora da piscina. Eu questiono a formação do leitor. Quantos livros de Literatura não-obrigatória um professor lê por ano? Se o professor lê, não tem como não passar isso para o aluno. Quem gosta de ler está sempre falando de livro, recomendando leituras para outras pessoas, é algo que contagia e flui naturalmente.

Entretanto o papel do professor é cada vez mais árduo, onde passar conhecimentos para seus alunos vai muito além da sala de aula, de um mero transmissor de conhecimentos. Esse processo ensino-aprendizagem servirá para toda a vida, não apenas no período de escolarização. Quanto a idéia do ensino-aprendizagem, todas as pessoas já ensinaram e aprenderam muitas coisas no decorrer de suas vidas, e vai continuar nesse processo, dado a constância que flui a aprendizagem na vida. Por isso, a aprendizagem da leitura é um dos primeiros sustentáculos nessa área do conhecimento. E o professor tem um compromisso com seus alunos em ensinar-lhes o caminho da construção do conhecimento. Isso significa, que para promover verdadeiramente o conhecimento junto a seus alunos, em um contexto escolar ou no decorrer do tempo, o professor precisa ensinar bem, e para ensinar bem ele deve aprender sempre e ler continuamente ao longo de sua vida.

Perante estes pressupostos, o professor precisa estar atento às necessidades de seus alunos, organizando programas que venham possibilitar o diálogo e interação na sala de aula. Outro meio para um bom desenvolvimento deste trabalho com o educando, é buscar usar a imaginação e criatividade para não cair na rotina desestimulando seus alunos. Com certeza o professor também poderá usufruir das diferentes estratégias e práticas de leitura e iniciação à Literatura descobertas e elaboradas por vários pesquisadores desta área. Dessa forma, cabe lembrar que as estratégias e práticas desenvolvidas até o momento ainda não são definitivas. Por isso, é necessário que se continue buscando uma mudança mais profunda, não só nas

metodologias, mas na forma de como este processo precisa ser desenvolvido para cumprir com seu papel, de acordo com BACICHETTE, (2007 p.4).

Só se aprende a ler de verdade, não meramente decifrar letras, sílabas e palavras em ambientes nos quais se lê. Ou seja, o desenvolvimento da leitura só ocorre se a criança interagir com leitores maduros que, lendo com ela e para ela, lhe permitem familiarizar-se com a atividade de leitura, envolver-se e desenvolver-se nela. A escola pode e precisa ser este ambiente de leitura. Você pode e deve ser esse leitor maduro.

Essa é uma técnica de leitura que pode ser levada para o ensino médio, pois devido à falta de incentivo, alguns alunos chegam ao ensino médio com dificuldade de leitura e muitos não gostam nem mesmo de ler na sala de aula. É preciso tornar o professor um leitor maduro, para que assim, ele possa entender esse mundo, buscar formas que sejam mais eficazes e ter uma prática pedagógica de sucesso.

3.3 A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO: UM CAMINHO A TRILHAR

Essa talvez tem sido a maior preocupação e objetivo da escola e dos professores nos dias atuais, que tipo de leitor formar? Evidentemente, qualquer pessoa comprometida com a educação logo pensará que compete à escola formar leitores críticos, e esse tem sido, efetivamente, segundo os estudos realizados, o objetivo perseguido nas práticas escolares, amparadas pelos discursos dos teóricos da linguagem e pelos documentos oficiais nas últimas décadas.

O que se percebe, é que essa tarefa se torna bastante difícil, uma vez que a ficção juvenil, que tem sido quase homogênea no ensino fundamental, ou best-sellers não são suficientes para lançar o jovem no âmbito mais complexo da leitura literária, pois nesses casos a experiência ainda se mantém restrita à obras consagradas pela mídia e também àquelas que oferecem um padrão lingüístico próximo da linguagem cotidiana.

Então, o grande desafio do professor, será levar o jovem do ensino médio a leituras de obras diferentes desse padrão, sejam obras de tradição literária, sejam obras recentes, que tenham sido legitimadas como obras de reconhecido valor estético e que são capazes de propiciar uma fruição mais apurada, mediante a qual terá acesso a uma outra forma de conhecimento de si e do mundo. O professor também tem que tomar

cuidado com sua prática para não desconsiderar a leitura literária e privilegiar atividades de metaleitura, ou seja, a de estudo do texto (ainda que na sua leitura não tenha ocorrido), pois segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2006, p.70) Atividades de metaleitura são necessárias na escola, mas devem ser vistas com muito cuidado, ou melhor, devem responder aos objetivos previstos no trabalho escolar.

Entretanto, formar leitores para o gosto literário, conhecer a tradição local e oferecer instrumentos para uma penetração mais agudas nas obras, tradicionalmente objetivos da escola em relação à Literatura, supõem percorrer o arco que vai do leitor vítima ao leitor crítico. Dessa forma, os objetivos são pertinentes, mas os métodos utilizados para esses fins, devem ser questionados. Mas quais são as características de um leitor vítima e de um leitor crítico?

Para ECO (1989, p.101), o leitor vítima concorda com tudo que lê, sem nenhum questionamento, seu interesse é o que o texto conta. Já o leitor crítico se preocupa com o que o texto narra, nunca descarta a possibilidade de análise de texto e critica. Diante dessas características, como o professor deve trabalhar?

Ciente das características de um leitor vítima, o professor deverá trabalhar com este leitor para que o mesmo não consuma obras que apenas tentam agradar um grande número de leitores, desprovida de potencial de reflexão e que sacia apenas a necessidade mais imediata da fantasia e torná-lo um leitor crítico, capaz de percorrer sozinho sobre um arco de leituras. Isso não significa que o leitor crítico nunca faça da leitura um motivo de entretenimento, e que não possa também ser um leitor vítima, mas deve tomar muito cuidado com a escolha das leituras.

Para isso, é necessário que o professor trabalhe os gêneros literários para que os alunos conheçam as diversas leituras que podem fazer, pois como afirma RANGEL (2003, p. 141).

Os escritores pressupõem que seus leitores conhecem os gêneros literários e jogam com esse conhecimento. Os mundos de ficção que nos propõem são moldados em formas que reconhecemos facilmente: personagens, situações, cenários,, intrigas, modos de dizer, recursos, truques. Todo esse artesanal proporcionado pelos gêneros é utilizado para criar ou frustrar expectativas, para satisfazer e pacificar o leitor ou para surpreendê-lo e despertá-lo de velhos encantamentos, propondo-lhe outros.

Neste sentido, a familiaridade com os gêneros permite ao leitor apreciar a habilidade de um escritor, seu gênero com posicional, as características e o rendimento particular de seu estilo. Sem isso, dificilmente se produz um verdadeiro encontro entre autor e leitor; dificilmente se estabelece um convívio amoroso.

O objetivo então é fazer com que o leitor entre nesse mundo surpreendente da leitura, deixando de ser uma vítima, para ser um leitor crítico em busca do aperfeiçoamento e reconhecimento da sua necessidade de conhecimentos, através de leitura e pesquisa. GERALDI (1985, p.87) nos adverte que não há leitura qualitativa no leitor de um livro só.

Neste aspecto, faz-se necessário uma mudança urgente em relação à leitura que desperte o interesse dos alunos do ensino médio, mas para que isso possa ocorrer de maneira eficiente exige tempo e disponibilidade do professor, pois o mesmo tem como preocupação em acompanhar o livro didático.

No caso da Literatura, o tempo é crucial. Trazer para sala trechos da obra e a esses dedicar uma ou mais aulas não é perder tempo, pelo contrário, é imprimir à escola um outro ritmo mais lento do devaneio e da reflexão. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (2002, p. 78). Os textos curtos, com densidade poética, são instrumentos poderosos para sensibilizar o aluno, ainda que muitos professores observem a resistência, sobretudo do jovem do sexo masculino, à fruição do poema, considerado por este “coisa de mulher”.

No entanto, o professor pode observar também o prazer na leitura em voz alta, na entonação, na concretude da voz. Além disso, deve-se oferecer ao aluno a oportunidade de descobrir o sentido por meio da apreensão de diferentes níveis e camadas do poema (lexical, sonoro, sintático), em diversas e diferentes leituras do mesmo poema, requer dedicação de tempo a essa atividade de percepção de uma outra lógica analítico-interpretativa que não aquela de um academismo estereotipado, que acredita que ensinar poesia é ensinar as técnicas de contar as sílabas e classificar versos e rimas.

Outra forma que pode ser utilizada são os contos e crônicas que devem ser cuidadosamente selecionados para se não desperdiçar o tempo precioso a eles

dedicado em sala de aula. Por serem mais curtos que novelas e romances, devem motivar o leitor pelo modo como apresentam o assunto, exigindo, como o poema, um aprofundamento que leve o leitor à percepção de suas camadas composicionais, pois são gêneros propícios a uma sensibilização inicial do aluno.

CAPÍTULO IV

4 ESTRATÉGIAS E MODALIDADES DE LEITURA

4.1 ESTRATÉGIAS DE LEITURA PARA O DESENVOLVIMENTO LITERÁRIO

Em se tratando da consecução de novas aprendizagens a leitura é o meio mais eficaz e importante; pois ela possibilita a construção e o fortalecimento das idéias e ações. Um detalhe merece destaque, afirma KRIEGL (2002, p.1-12) “que ninguém se torna leitor por um ato de obediência, ninguém nasce gostando de leitura. A influência dos adultos como referência é bastante importante na medida em que são vistos lendo ou escrevendo”. Este processo se dá durante todo o processo de escolarização. Neste sentido, a realização de um trabalho com sucesso requer do professor, além de uma formação atualizada e continuada, um conhecimento sobre as questões de educação e das diversas modalidades relacionadas à aplicação das estratégias de ensino da leitura. Mas o que são estratégias de leitura? CANTALICE (2004, p.105) diz que:

Estratégias de leitura são técnicas ou métodos que os leitores usam para adquirir a informação, ou ainda procedimentos ou atividades escolhidas para facilitar o processo de compreensão em leitura. São planos flexíveis adaptados às diferentes situações que variam de acordo com o texto a ser lido e a abordagem elaborada previamente pelo leitor para facilitar a sua compreensão.

Segundo os pesquisadores Pfromm Neto, (1987) e Pozo, (1996), as teorias recentes de aprendizagem têm se preocupado com a interação entre o material a ser aprendido e os processos psicológicos necessários para aprender, enfatizando o estudo sobre o modo pelo qual o aprendiz obtém, seleciona, interpreta e transforma a informação.

Considerando esses aspectos, as estratégias podem ajudar muito o aluno na compreensão de textos, em suas dificuldades pessoais e motivando-os à leitura. SOLÉ (1998,p. 89), salienta-nos que “...muitas das estratégias são passíveis de trocas, e outras estarão presentes antes, durante e depois da leitura.” Acrescenta ainda que as estratégias de leitura devem estar presentes ao longo de toda a atividade. Neste sentido, vale acrescentar que a primeira condição é despertar o interesse da leitura de um determinado material, refere-se aos objetivos fundamentais da leitura, fator que

contribui para o interesse da leitura e que o mesmo ofereça ao leitor certos desafios.

Uma leitura fluente envolve as seguintes estratégias MORAES, (2007, p. 4):

- *Estratégias de Seleção: Ler apenas os índices úteis - Por exemplo: não precisamos ler atentamente a letra que vem após o Q, pois será sempre o U;*
- *Estratégias de antecipação: prever o que está por vir com base em informações ou inferências – Por exemplo: gênero, autor, título, características dos suportes e da superestrutura nos informam o que encontraremos em um texto;*
- *Estratégias de inferências: compreender o que não está dito no texto de forma explícita – Por exemplo: São adivinhações baseadas em pistas dadas pelo próprio texto. Por tratar-se de suposições, às vezes não se confirmam, porém o próprio contexto deve dar as dicas sobre a interpretação, uma vez que as inferências e deduções não podem ser aleatórias;*
- *Estratégias de verificação: torna possível verificar a eficácia das outras estratégias, confirmando ou não as suposições.*

Por exemplo: questões de entendimento sobre o texto. Esses procedimentos devem ser planejados mediante atividades para serem propostas antes, durante e depois da leitura.

Essas estratégias devem permitir que o aluno planeje sua tarefa de leitura:

Compreender os propósitos da leitura, ou seja, seu objetivo- Por exemplo: O que tenho que ler? Por que tenho que ler?

Os objetivos da leitura determinam à forma em que um leitor se situa frente ela e controla a compreensão do texto.

1- Ativar os conhecimentos prévios sobre o conteúdo em questão - Por exemplo: O que sei sobre o autor, o gênero ou o conteúdo do texto?

As atividades que têm como objetivo principal levantar os conhecimentos

prévios dos alunos são consideradas como etapas fundamentais. De acordo com a psicologia genética, disciplina que estuda o processo de construção do conhecimento, todo conhecimento é originário de conhecimentos anteriores.

Os conhecimentos anteriores funcionam como marco assimilador, a partir do qual dão significados aos novos objetos de conhecimento.

Os textos escolhidos para estudos geralmente trazem novos conhecimentos ou informações aos leitores, porém, é importante que estes já estejam ativando seus conhecimentos anteriores. À medida que novos conhecimentos vão sendo assimilados, as noções já construídas vão se modificando, se enriquecendo. Passa-se de um estágio de menor para um de maior conhecimento.

2 - Estabelecer previsões sobre o texto - Deduzir informações sobre o tipo de texto, informar-se sobre o que será lido, priorizar os itens que deverão ser lidos com mais atenção, dependendo do objeto da leitura.

Durante a leitura o leitor passa a ter um papel ativo, fazendo previsões durante o texto, formulando perguntas e recapitulando informações, Nesse processo o professor deve ser um modelo de leitor significativo, ou seja, ativo. Nesses casos, ensina-se estratégias quando:

1 - Dirigi-se a atenção ao fundamental - Por exemplo: Qual a informação essencial para eu conseguir o meu objetivo de leitura?

2 - Avalia-se a consistência do texto e sua compatibilidade com o conhecimento prévio- Por exemplo: as idéias expressadas no texto têm coerência com o que penso?

3 - Prática a revisão e a recapitulação periódica do que está lendo- Por exemplo: Qual a idéia fundamental deste parágrafo?

4 - Elaboram-se e provam-se inferências – Por exemplo: Como será resolvido o problema desta narrativa?

Após a leitura, para se verificar o que compreendeu sobre o texto é preciso que o aluno seja capaz de fazer resumos e responder perguntas sobre o que foi lido.

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê, que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando também elementos implícitos, que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos, que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto, que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos.

As questões de interpretação, por sua vez, seguem basicamente três abordagens MORAES (2007, p. 4):

1 - A análise do texto em uma abordagem conteudista – Exige a consulta ao texto, e as perguntas/respostas são mais fechadas. A operação principal do pensamento a ser desenvolvida é a memória e a atividade mais recorrente é a consulta.

2 - A análise do texto em uma abordagem estruturalista - Exige um olhar mais analítico sobre o texto, baseado na sua estrutura. A principal operação do pensamento é o raciocínio e a atividade mais recorrente é a análise da estrutura do texto ou encadeamento dos parágrafos.

3 - A análise do texto em uma abordagem baseada na análise do discurso assume um caráter mais polêmico, devido a sua subjetividade em alguns casos, permitindo mais de uma interpretação às questões propostas. A operação do pensamento a ser desenvolvida é a capacidade de construir relações e realizar críticas. A atividade consiste em estabelecer uma interação entre autor e leitor, desvelando os recursos utilizados ou mensagens implícitas existentes no texto. Constrói-se um espaço de interlocução entre autor e leitor.

Em uma análise textual, geralmente são apresentados tipos de questões:

Domínio de vocabulário: as respostas podem ser obtidas mediante dedução, análise da formação das palavras ou deduzidas pelo seu contexto. A confirmação pode ser obtida pelo próprio dicionário.

Compreensão do texto: questões que envolvam a volta ao texto, exigindo principalmente a habilidade de localização de respostas.

Interpretação do texto: perguntas mais abertas que exigem a capacidade de realizarem-se inferências e deduções a partir de informações fornecidas pelo texto.

Trata-se de desvelar o que está escrito nas entrelinhas, o que não foi dito o que está implícito nas pistas fornecidas pelo texto.

Essas estratégias de leitura são utilizadas pelos alunos mais ou menos ao mesmo tempo, sem ter consciência disso. Esse processo só é percebido à medida que se faz uma análise do processo de leitura.

Segundo JOLY (2005,P.1) as estratégias cognitivas de leitura são formas deliberadas de decodificação dos símbolos lingüísticos e construção de significado que são utilizados visando a compreensão. KOPKE (1997,p.3) referem-se também a comportamentos e pensamentos que influenciam o processo de leitura de forma que a informação possa ser armazenada mais eficientemente.

Estratégias Metacognitivas de leitura - De acordo com BOLIVAR (2002, p.1).

As estratégias metacognitivas quando aplicadas ao processo de compreensão em leitura, podem ser definidas como a consciência que o leitor tem sobre o próprio nível de compreensão durante a leitura, e a habilidade para controlar as ações cognitivas por meio de estratégias que facilitem a compreensão de um determinado tipo de texto ou de tarefa determinada. Essas estratégias que facilitem a compreensão de um determinado tipo de texto ou de tarefa determinada. Essas estratégias permitem ao leitor planejar, monitorar e regular o seu próprio pensamento enquanto lê. Isto ocorre porque a meta-cognição pode ser entendida como o conhecimento e controle que a pessoa tem sobre sua própria cognição. Implica em ter conhecimento de como pensa (processos e eventos cognitivos) e do conteúdo dos mesmos (estruturais) aliado à habilidade para controlar tais processos, com o objetivo de organizá-los, revisá-los e modificá-los em função dos resultados obtidos pela aprendizagem.

4.2 MODALIDADES DE LEITURA

De acordo com PEREIRA (2004, p.23). As modalidades de leitura são formas variadas que o professor pode utilizar para desenvolver o trabalho literário na escola. Neste sentido, é necessário que o professor conheça as mais diversas modalidades existentes para que possa aplicá-las de forma correta e alcançar os objetivos propostos para este processo.

Segundo Barbosa (1994, p. 95):

O livro, antes de um objeto de arte, atendendo à crescente demanda da sociedade de consumo, se transforma em mercadoria e perde a primazia como suporte da escrita: jornais, periódicos, cartazes publicitários, rótulos, embalagens, letreiros luminosos, etc. Incitam o leitor ao exercício cotidiano da leitura. A leitura ao longo dos séculos vai perdendo seu caráter público e sonoro e se transforma numa forma dinâmica, silenciosa, íntima do leitor se

divertir, se informar, se orientar, imaginar, criar, participar. Diante da exploração da informação, o leitor abandona velhos hábitos remanescentes de uma outra era e desenvolve estratégias diversificadas de leitura: torna-se múltiplo e seletivo, recorrendo à escrita todas as vezes que busca dar sentido ao mundo ou a si mesmo.

4.2.1 Leitura de Pesquisa

A leitura na pesquisa tem um enfoque profundo. Ler compreendendo o autor, questionando o autor, fazendo paralelos entre autores, descontraindo o seu “saber” e ao mesmo tempo refazendo-o, com argumentos, com fundamentação teórica, aliado sempre à sua prática e a do outro. Enfim, buscando na leitura suporte teórico, transformando-a em fundamentos do próprio saber.

4.2.2 Leitura Pelo Professor

Além das atividades de leitura realizadas pelos alunos e coordenadas pelo professor há as que podem ser realizadas pelo professor. É o caso da leitura compartilhada de livros em capítulos, que possibilita aos alunos o acesso a textos bastante longos que por sua qualidade e beleza podem vir a encantá-los ainda que nem sempre sejam capazes de lê-los sozinhos.

A leitura em voz alta feita pelo professor não é uma prática muito comum na escola. E quanto mais avançam as séries mais incomuns se torna o que não deveria acontecer, pois muitas vezes, são os alunos maiores que mais precisam de bons modelos de leitores.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p.55) na escola, uma prática de leitura intensa é necessária por muitas razões:

- *Ampliar a visão de mundo e inserir o leitor na cultura letrada;*
- *Estimular o desejo de outras leituras;*
- *Possibilitar a vivência de emoções, o exercício da fantasia e da imaginação;*
- *Permitir a compreensão do funcionamento comunicativo da escrita: escreve-se para ser lido;*

- *Expandir o conhecimento a respeito da própria leitura;*
- *Aproximar o leitor dos textos e os tornar familiares;*
- *Condições para a leitura fluente e para a produção de textos;*
- *Possibilitar produções orais, escritas e em outras linguagens;*
- *Informar como escrever e sugerir sobre o que escrever;*
- *Ensinar a estudar;*
- *Possibilitar ao leitor compreender a relação que existe entre a fala e a escrita;*
- *Favorecer a aquisição de velocidade na leitura;*
- *Favorecer a estabilização de formas ortográficas;*

Uma prática intensa de leitura na escola é, sobretudo necessária, porque ler, ensina ler e escrever.

4.2.3 Leitura Colaborativa

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997, p. 61):

A leitura colaborativa em que o professor lê um texto com a classe, durante a leitura, questiona os alunos sobre as pistas lingüísticas que possibilitam a atribuição de determinados sentidos. Trata-se, portanto, de uma estratégia didática para o trabalho de formação de leitores. É particularmente importante que os alunos envolvidos na atividade possam explicitar para os seus parceiros os procedimentos que utilizam para atribuir sentido ao texto: como e por quais pistas lingüísticas lhes foi possível realizar tais ou quais inferências, antecipar determinados acontecimentos, validar antecipações feitas.

A possibilidade de interrogar o texto, a diferenciação entre realidade e ficção, a identificação de elementos discriminatórios e recursos persuasivos, a interpretação de sentido figurado, a inferência sobre a intencionalidade do autor: são alguns dos aspectos dos conteúdos relacionados à compreensão de textos, para os quais a leitura colaborativa tem muito a contribuir. A compreensão crítica depende em grande medida desses procedimentos.

4.2.4 Leitura de Informação

É a situação de comunicação por excelência que aparece cada vez que uma mensagem é visada a fim de completar uma lacuna no nosso conhecimento sobre aspectos da vida cotidiana. É a leitura informativa dos jornais, revistas, instruções diversas, coleta de dados para fins utilitários, normas, regimentos, etc. A atividade do leitor dirige-se essencialmente a tomar conhecimento do conteúdo da mensagem, sem preocupação de registro duradouro da informação. Esse tipo de mensagem requer uma leitura rápida e precisa sem qualquer envolvimento afetivo pessoal.

4.2.5 Leitura de Consulta

É utilizada todas as vezes que procuramos uma informação pontual num conjunto complexo de informações: dicionários, anuários, enciclopédias, guias de endereços, catálogos e outros. Muitas vezes a leitura de informação (jornais, revistas), pode tomar esse aspecto, desde que procuremos uma informação precisa, sem dar importância para o restante do conteúdo da notícia ou da informação. É um tipo de leitura muito particular, que exige uma explosão visual específica e seletiva, dissociada da compreensão global do texto. Toda a atenção perceptiva obedece à intenção de localizar a informação visada.

4.2.6 Leitura da Linguagem Poética

É aquela em que o leitor além de visar o conteúdo veiculado pelo texto, busca se delatar com a sonoridade das palavras. É, a leitura da poesia cujo prazer do conteúdo está ligado também ao prazer da forma, a dimensão musical das palavras ou texto. Uma primeira leitura silenciosa permite ao leitor elaborar o conteúdo que orienta a entonação, ritmo e sonoridade. O ato de ler torna uma forma lenta a fim de tornar seja uma vocalização efetiva seja uma pronúncia interior acentuada.

Temos como herança também o hábito de distinguir, nas diversas situações de leitura, aquelas consideradas mais nobres, vistas com as que atendem as verdadeiras finalidades do ler, daquelas consideradas suspeitas por seu caráter utilitário ou alienante ou não consideradas nem mesmo como leitura.

É preciso ter presente, entretanto, que a leitura é sempre uma elaboração da

informação variando somente a intenção que o leitor deposita numa situação e noutra. É em função do que o leitor projeta fazer que ele seleciona as informações mais adequadas para concretizar o seu projeto. Quer se trate de um jornal, poema, legenda de um filme, tese, revistas ou receitas de cozinha, ler é uma atividade que se inscreve no interior de um projeto, é por isso que a leitura é por natureza, flexível, múltipla, diversa, sem uma hierarquia preestabelecida que defina uma leitura melhor do que as outras. Aprender a ler é aprender a explorar um texto, lenta ou rapidamente, dependendo da intenção do leitor.

Uma situação de aprendizagem privada da relação que a leitura tem com o projeto ou intenção do leitor deixa de lado a característica fundamental da leitura: a intencionalidade do leitor.

4.2.7 Leitura Compartilhada (Professor e Aluno)

Em alguns momentos da rotina de sala de aula, o professor pode ler junto com os alunos alguns textos (adivinhas, cantigas de roda, parlendas, quadrinhas ou trava-línguas) que os alunos conheçam bastante para que possam inferir e antecipar significados durante a leitura. Os textos que serão lidos podem estar afixados na sala em forma de cartaz, escritos na lousa ou impressos no livro do aluno.

4.2.8 Leitura Individual

Quando os alunos conhecem bastante os textos já podem começar a lê-los individualmente. E nesse caso é importante que tenham objetivos com a atividade de leitura. Exemplo: ler para escolher a parte de que mais gosta, ler para depois recitar em voz alta para todos.

4.2.9 Leitura Coletiva

Ler, cantar e brincar com textos conhecidos. É fundamental que os alunos possam vivenciar na escola situações em que a leitura esteja vinculada diretamente ao desfrute pessoal, à descontração e ao prazer.

4.2.10 Leitura Dirigida

Propor atividades de leitura em que os alunos tenham de localizar palavras em um texto conhecido. Exemplo: o professor lê o texto inteiro e depois pede aos alunos que localizem uma determinada palavra (ex: piano, na parlenda lá em cima do piano). A intenção é que possam utilizar seus conhecimentos sobre a escrita para localizar e ler as palavras selecionadas.

4.2.11 Leitura Oral

A mesma deverá ser concebida com uma habilidade que se apóia na leitura, mas que é exterior a ela – e que deve ser objetivo de um aprendizado específico, posterior ao da leitura, no seu verdadeiro sentido. A legitimidade da comunicação oral do texto escrito deverá ser garantida, pela escola, mesmo nas séries iniciais, em situações de leitura oral motivadas e significativa, como quando, por exemplo, alguém lê para o grupo um texto literário por ele criado ou uma informação importante trazida de casa.

4.2.12 Leitura Vocalizada

A utilização da leitura vocalizada faz com que a criança leia pouco e conviva com textos lingüisticamente pobres. Ela é de um modo geral, lenta e fragmentada, o que o professor ao fazer com que o mesmo texto seja lido muitas vezes, com o objetivo de gerar, no seu entender, a fixação daquela aprendizagem.

Além disso, é no intuito de facilitar a leitura das crianças, o professor seleciona cuidadosamente os textos, buscando aqueles que considera mais simples. Nesse sentido, é provável que atrás da concepção de simples esteja, exatamente a pobreza lingüística encontrada facilmente nos textos tradicionais.

Não se pode, pois, confundir simples com fácil que em relação à leitura, significa o familiar, o que está presente no mundo, o que tem significado para o sujeito, e não as unidades da escrita desprovidas de sentido ou os materiais de leitura com evidente disso é a leitura feita pelas crianças, muitas vezes antes de sua chegada à escola, dos anúncios televisivos, dos nomes de seus heróis e dos rótulos de

guloseimas, todos com as mais variadas dificuldades lingüísticas e muitas vezes até em língua estrangeira.

4.2.13 Leitura Compreensiva e Ativa

As pessoas lêem com finalidades diferentes. Às vezes, lemos romances de aventura para nos divertir: outras vezes, lemos os nomes dos ônibus para saber qual tem de tomar: em outras ocasiões, lemos os nomes e números de telefone em uma lista porque procuramos o telefone de alguém: ou então lemos porque temos de estudar para uma prova. Em casa uma dessas situações, a leitura é feita de várias maneiras: prestamos atenção em determinadas coisas e obtemos tipos diferentes de informação para os diversos fins. Portanto, a primeira coisa que precisamos saber é para que queremos ler, isto é, qual é o objetivo de nossa leitura.

Quando lemos para aprender, é importante fazer uma leitura ativa e compreensiva. Fazer uma leitura ativa e compreensiva quer dizer estar atento, pensando constantemente no que estamos lendo e aprendendo.

Antes de começarmos uma leitura ativa e compreensiva, precisamos fazer algumas perguntas:

- Que informações esperam encontrar nesse texto?
- O que já sabemos sobre o assunto?
- Essas perguntas ajudam a começar a leitura de uma maneira ativa.

Depois da leitura, podemos realizar outras atividades para compreendermos melhor o conteúdo como por exemplo, localizar e marcar a informação principal e resumir o texto.

É importante considerar que nem todos os textos são iguais e, portanto, não podemos trabalhar com todos da mesma maneira. Em alguns textos, pode ser necessário fazer mais de uma leitura para uma melhor compreensão.

4.2.14 Leitura Recreativa

Recreação é qualquer atividade em que atitude a mental do executante, seja criança ou adulto, se caracteriza pelo prazer, liberdade na execução e busca um fim, na própria atividade. Daí dizemos que a leitura poderá ser transmitida como recreação através das cantigas de roda, dramatizações, fantoches e marionetes, do cinema, da televisão.

O objetivo de citar todas as modalidades de leitura existentes consiste em mostrar ao professor as diversas formas que ele tem para trabalhar a leitura. Neste sentido, o pólo da leitura, fluido e variável, configura-se como espaço indispensável no processo de compreensão da criação artística de qualquer natureza, quer se manifeste como texto verbal ou não. Por meio da leitura dá-se a concretização de sentidos múltiplos, originados em diferentes lugares e tempos. É claro que, por estarmos falando sobre a leitura e suas aplicações na Literatura, uma das modalidades mais trabalhadas em sala de aula é da linguagem poética, das obras literárias e da poesia. Esta última, sabe-se que ela tem sido sistematicamente relegada a um plano secundário. Esta, por sinal, é uma das dificuldades que o professor encontra de se lidar com o abstrato, com o inacabado, com a ambigüidade, características intrínsecas do discurso poético, que tem tornado a leitura de poemas rarefeita nas mediações escolares com sua tradicional perspectiva centrada na resposta unívoca exemplar e na equívoca intenção autoral.

Neste aspecto, CHARTIER (1994, p. 16) afirma que:

Em grande parte, a própria natureza leitura, segundo a qual ela não é somente uma operação abstrata de inteligência; ela é engajamento do corpo, inscrição num espaço consigo e com outros, e a materialidade, segundo a qual o texto é dado ao leitor, que contribui largamente para modelar as expectativas do leitor, além de convidar à participação de outros públicos e incitar novos usos.

Nesta perspectiva, a exploração dos efeitos de sentidos produzidos pelos recursos fonológicos, sintáticos, semânticos, na leitura e na releitura de poemas poderá abrir aos leitores do ensino médio caminhos para novas investidas poéticas, para muito além desse universo limitado – temporal e espacialmente – de formação. Assim, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (2002, p. 74)

O ensino médio constituiria, então, uma etapa da escolaridade em que se olharia para a arquitetura do poema nas suas diferentes dimensões e as antologias pessoais dos leitores ganhariam uma dinâmica de que pudesse assegurar a prática da leitura de poemas quando já não mais circunscrita a

atividade pontuais na comunidade escolar.

CAPÍTULO V

5 BIBLIOTECA: UM SUPORTE PARA O DESENVOLVIMENTO DA LITERATURA

De acordo com FRAGOSO (2002,p.5).

A biblioteca escolar é um centro ativo de aprendizagem. Nunca deve ser vista como simples apêndice das unidades escolares, mas como núcleo ligado ao pedagógico. O bibliotecário trabalha com os educadores e não apenas para eles ou deles isolado. Integrada à comunidade escolar, a biblioteca proporcionará ao seu público leitor uma convivência harmoniosa com o mundo das idéias e da informação.

Para muitos alunos, a biblioteca é um lugar distante da sala de aula, onde ele só tem acesso quando autorizado pelo professor, de um amontoado de livros, distante da sua realidade, e é para poucos que a freqüentam assiduamente, um lugar de encontro com o prazer de ler.

A biblioteca escolar é um tesouro que poucas pessoas conhecem, os que se apropriam desses, grandes chances terão de ser bem sucedidos. Pesquisadores do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais revelam um desempenho quase 20% superior nos colégios em que mais de 75% dos alunos manipulam e lêem regularmente as obras das estantes, as suas notas escolares tendem a melhorar.

Mas a realidade das bibliotecas públicas não é muito otimista, pois pesquisas revelam que não são todas as escolas que possuem uma biblioteca e que os alunos mais carentes não tem nenhum livro em casa, e ainda, quando a escola possui uma biblioteca está longe de se ter acesso fácil a ela, muitas delas não tem um profissional competente, o Bibliotecário para orientar os alunos para manter esse espaço de cultura e informação.

A situação da biblioteca escolar no Brasil é reflexo do contexto em que ela tem existência, qual seja o da educação. Portanto, não é grande surpresa a dificuldade em se obterem dados atualizados sobre essa situação: quantas escolas possuem bibliotecas, o porte de seus acervos, quais têm profissionais especializados em seu comando e daí por diante GUERRA (1992, p.28) afirma que:

De acordo com pesquisas realizadas, constata-se que as escolas de norte a sul do país enfrentam inúmeras dificuldades para organizar uma

biblioteca, manter mesmo precariamente as que existem ou ainda para tentar integrá-las no processo educacional.

Com isso, alunos e professores se privam de materiais bibliográficos, ficando à margem de um ensino democratizado.

5.1 FUNÇÕES E OBJETIVOS DAS BIBLIOTECAS

De acordo com a REVISTA DO PROFESSOR (out/dez/2004, p. 13) embora tão marginalizada em nosso sistema educacional, a biblioteca escolar tem funções fundamentais a desempenhar e que podem ser identificadas como função educativa e função cultural.

Em sua função educativa, ela representa um esforço à ação do aluno e do professor. Quanto ao primeiro, oportunizando-lhe o desenvolvimento das habilidades de estudo independente, agindo como instrumento de auto-educação motivando-o a uma busca do conhecimento, incrementando a leitura e ainda auxiliando-o na formação de hábitos e na adoção de procedimentos relativos ao manuseio à consulta e à utilização do livro da biblioteca e da informação. Quanto a atuação do educador e da instituição, a biblioteca completa as informações básicas e oferece seus recursos e serviços à comunidade escolar de maneira a atender suas necessidades do planejamento curricular.

Na sua função cultural a biblioteca de uma escola torna-se complemento da educação formal, ao oferecer múltiplas possibilidades de leitura e, com isso, levar os alunos a ampliar seus conhecimentos e suas idéias acerca do mundo.

Nessas funções por assim dizer, idéias de uma biblioteca escolar, estariam implícitos seus objetivos como instituição. Por exemplo:

Cooperar com o currículo da escola no atendimento as necessidades dos alunos, dos professores e dos demais elementos da comunidade escolar.

- Estimular e orientar a comunidade escolar em suas leitura, favorecendo o desenvolvimento da capacidade de selecionar e avaliar;
- Incentivar os educandos a pensar de forma crítica, reflexiva, analítica e criadora, orientados por equipes inter-relacionadas (educadores +

bibliotecários);

- Proporcionar aos leitores materiais diversos e serviços bibliotecários adequados ao seu aperfeiçoamento e desenvolvimento individual e coletivo;
- Promover a interação professor/bibliotecário/aluno, facilitando o processo ensino–aprendizagem;
- Oferecer um mecanismo para a democratização da educação, permitindo o acesso de um maior número de crianças e jovens a materiais educativos e, por meio disso, dar oportunidade ao aluno de se desenvolver a partir de suas atitudes individuais;
- Contribuir para que o educador amplie sua percepção dos problemas educacionais, oferecendo-lhe informações que o ajudem a tomar decisões no sentido de solucioná-los, tendo como ponto de partida valores éticos e cidadãos.

Para enfatizar o papel do bibliotecário vamos citar algumas funções do bibliotecário:

- Participar Ativamente do processo educacional, planejando junto ao quadro pedagógico as atividades curriculares. E isso deve ser feito para todas as disciplinas,acompanhando o desenvolvimento do programa, colocando a disposição escolar materiais complemente a informação oferecida em classe;
- Fazer da biblioteca um lugar descontraído, de modo que os leitores se sintam atraídos por ela;
- Estimular os alunos através de atividades simples, desde o maternal, a se envolverem com propostas de leitura;
- Estimular os educadores a vivenciarem a biblioteca da escola como um espaço pedagógico de educação continuada;
- Proporcionar informações básicas que permitam ao aluno formular

juízos inteligentes na vida cotidiana;

- Oferecer elementos que promovam a apreciação literária, a avaliação estética e ética, tanto quanto o conhecimento dos fatos;
- Favorecer contato entre alunos de idades diversas;
- Preparar a biblioteca para leitores solidários e não para solitários.

5.2 SUGESTÕES DE ATIVIDADES DA BIBLIOTECA NA ESCOLA

A biblioteca escolar pode e deve, juntamente com a escola, promover várias atividades que levem os alunos a se interessarem cada vez mais pela leitura e conseqüentemente à biblioteca.

Dentre estas atividades propostas pela REVISTA DO PROFESSOR (abril/junho, 1999) podemos citar algumas:

Cabe ao professor a função de proporcionar ao aluno o contato com a biblioteca, esclarecendo suas normas e regulamentos.

O bibliotecário pode estar em contato com livreiros ou editores organizando estantes e promovendo exposição e venda de livros, para que as crianças tenham contato com o autor do livro que leram.

Muitas doações feitas por famílias da comunidade podem enriquecer o acervo da biblioteca, que poderá proporcionar um ponto de encontro, onde os leitores entram em contato com diferentes tipos de Literatura, discutem as obras e fazem a permuta. Esta atividade pode ser feita na sala da biblioteca, ou mesmo no pátio da escola. Serve para incrementar a circulação de livros entre alunos de uma ou mais escolas.

Outro fator que também pode ser usado para incentivar o aluno a gostar de leitura é a hora do conto, que são histórias contadas ou lidas para depois serem levadas à sala de aula e trabalhadas pelo professor de classe.

Entre o bibliotecário e o professor precisa haver certo entrosamento, para que não fique o bibliotecário em seus domínios fechado e o professor com suas aulas discursivas. SILVA (1999, p. 91) nos afirma que:

A Biblioteca escolar e a escola pública têm saída, mas ela não está dada, quer

dizer, precisa ser construída coletivamente através do pensar e do fazer dos educadores, dos alunos, dos pais, enfim, de todos os segmentos sociais realmente comprometidos com a reconstrução do sistema público de ensino.

Portanto um trabalho com muita seriedade precisa ser feito, pois se os próprios professores ficam às vezes alheio a esse assunto tão importante, como convencer os alunos da importância desse investimento?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema sobre a importância da leitura é extremamente empolgante, pois quanto mais nos aprofundamos mais queremos conhecer. Em nossa pesquisa procuramos abordar a importância da leitura e da Literatura no ensino médio e como ela está sendo trabalhada nas escolas brasileiras.

As descobertas são desalentadoras, pois, em questão de leitura, temos estado muito aquém do necessário para a construção do cidadão consciente e crítico. Observamos que há diversos modos de abordagens de ensino da Literatura, entretanto, ainda há muito por fazer para levarmos os alunos ao prazer de ler. Sabemos que é possível formar leitores competentes através de uma metodologia que leve o aluno a entender o que deve fazer, isto é, levá-lo a conhecer os objetivos que se pretende alcançar com sua atuação na prática da leitura.

Para que isso seja possível é necessário que a docência assuma, de forma intensa, sua posição diante da disciplina. Isto significa que o professor deve posicionar-se diante dos alunos como facilitador e mediador na construção do conhecimento através do gosto pela leitura. Primeiramente, é necessário que o próprio professor seja dedicado na busca constante de sua formação literária, sobretudo no âmbito da pesquisa científica de saberes imprescindíveis para a prática educacional.

Além disso, é importante observar que a criatividade dos professores precisa estar em alta. Prevalendo-se de estratégias previamente adquiridas, o professor poderá incentivar a aprendizagem e o desenvolvimento intelectual dos seus alunos. O educador deve ainda apresentar a biblioteca como lugar predileto a ambos, professor e aluno. O que queremos dizer é que a biblioteca deve ser um lugar de encontro e prazer de ler. Portanto, é de suma importância que haja interação entre biblioteca e sala de aula realizando eventos que levem os alunos a tomarem gosto cada maior pela leitura e conseqüentemente pela biblioteca.

Para concluir esta pesquisa, salientamos o papel fundamental do professor como mediador da leitura para os alunos do ensino médio e a biblioteca como parte imprescindível nesse relacionamento, formando o tripé professor/aluno/biblioteca.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Claudia Marinho do. **A Literatura no Ensino Médio: críticas e perspectivas**. Disponível em; www.universia.com.br/html/matériagddf.html, 2005 acesso em 11.11.2007.

ARRIGUCI JR, D. **Leitura: Entre o Fascínio e o Pensamento**. São Paulo: UNICAMP, Revista Idéias 13, 1992.

BACICHETTE, Heloisa Carla Coin. www.caxias.rs.gov.br/nidi/_upload/midiateca, 2007. Acesso em 11.11.2007.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1994. 2ª edição.

BOLIVAR, C. R. **Mediación de Entrevistas Metacognitivas em tarefas Divergentes y Transferência Recíproca**. *Investigación y Postgrado*. v. 17, nº 2, 1-20.

BORDINI, Maria da Glória. **Guia de Leituras Para Alunos de 1º e 2º Graus**. Centro de Pesquisas Literárias. Porto Alegre: PUCRS/Cortez, 1989.

BORUCHOVITH, Evely. **Estratégias de Aprendizagem e Desempenho Escolar: Considerações Para a Prática Educacional**. *Psicol. Reflex. Crit.* Porto Alegre, Vol. 12 nº 2, 1999.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Ensino Médio**. Brasília: MEC/Semtec, 2002.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Ensino Médio**. Brasília: MEC/Semtec, 2006.

BRASIL. **PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Vol. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: MEC/Semtec, 2002.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental** - Brasília, 1997.

- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, Vol. 2, 144 p., 1977.
- CANTALICE, Lucicleide Maria de. **Ensino de Estratégias de Leitura**. *Psicol Esc. Educ.*, June 2004, vol. 8, nº 1.
- CHARTIER, Roger. **A Aventura do Livro: de Leitor a Navegador**. São Paulo: Unesp, 1999.
- COUTINHO, Afrânio. **O Ensino da Literatura**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1975.
- ECO, V. **O Texto, o prazer, o consumo. Sobre os Espelhos e Outros Ensaios**. [Trad.] Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- FERREIRA, Aurélio B. Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro. Disponível em: www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2002/ler/lertxt5.html. Acesso em 05.11.2007.
- FRAGOSO, Graça Maria. www.acbsc.org.br/revista/ojs/include/getdoc.php?id=176&article=78&mod=pdf. Acesso em 05.11.2007.
- FRAGOSO, Graça Maria. **Revista do Professor nº 80 out/dez/2004**.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 20ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GERALDI, J. W. (Org.). **O Texto na Sala de Aula**. Cascavel, PR: Assoeste, 1985.
- GOMES, Renato Cordeiro. **A Literatura no Ensino de 1º e 2º Graus**. *In: Cadernos da PUC/RJ. Série Letras e Artes*: Rio de Janeiro, 1976.
- GUERRA, Rosângela. **Uma Bibliotecária Assume seu Papel de Educadora**. *Revista Escola*, São Paulo, nº 58, 1992.
- JOLY, M. C. R. A. **Escala de Estratégias de Leitura - Formato Ensino Médio (EELEM). Relatório de Pesquisa**. Itatiba/SP: Universidade São Francisco, 2005.
- KRIEGL, Maria de Lourdes de Souza. **Leitura: Um Desafio Sempre Atual**. *Revista PEC*, Curitiba, v. 2, n. 1, julho 2001-julho 2002.

- MACHADO, Ana Maria. **Moderna**. www2.uol.com.br/aprendiz/n_revistas/revista_Educao/abril02/entrevista,2002. Acesso em 20.10.2007.
- MAGNANI, Maria do Rosário. **Leitura e Escola: A Formação do Gosto**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- MORAES, Elody Nunes. www.moderna.com.br/moderna/didaticos/ei/artigos/, 2007. Acesso em 19/10/2007.
- NÓVOA, Antônio. **Os Professores e sua Formação**. Lisboa-Portugal: Dom Quixote, 1997.
- NÓVOA, Antônio. **Revista Nova Escola**. Rio de Janeiro: Editora Abril, Agosto/2002.
- OSAKABE, H. & FREDERICO, E. Y. **Literatura. Orientações Curriculares do Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEB/DPPEM, 2004.
- PEREIRA, Márcia Aparecida da Silva. **A Importância da Leitura na Escola e no Mundo**. Costa Rica/MS: FECRA - Faculdade de Costa Rica, 2004.
- PERRONE-MOISÉS, Leila. **Inútil Poesia; e Outros Ensaio Breves**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- RANGEL, E. O. **Letramento Literário e Livro Didático de Língua Portuguesa: Os Amores Difíceis**. In: PAIVA, A.; MARTINS A.; PAULINO, G.; VERSIANI, Z. (Org.) **Literatura e Letramento. Espaços, Suportes e Interfaces. O Jogo do Livro. Belo Horizonte: Autenticação**. Ceale/Fae/UFMG, 2003. SOARES, M., **Letramento: Um Tema em Três Gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da Biblioteca Escolar**. São Paulo: Cortez Editora, 1999, 2ª edição.
- SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.